

JÂNIO DE FREITAS

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 09/10/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Jânio Sérgio de Freitas Cunha. Ano: 1932, em Niterói, onde vivi até perto dos seis meses, nascendo lá um pouco por acaso e desde então morador do Rio de Janeiro.

Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?

Meu pai é Antônio de Araújo Cunha, teve sempre uma vida voltada – ou quase sempre – uma vida voltada para o naturalismo, enfim, coisas desse gênero, bichos, Jardim Botânico, zoológico. Minha mãe é Jussara de Freitas Cunha e filha de um poeta e jornalista, Júlio de Freitas Júnior. Uma família bastante intelectualizada. Aliás, dos dois lados. Sem nenhuma característica econômica notável, uma classe média convencional para a época e classe média até hoje. Daí para baixo.

Então já havia um envolvimento com o jornalismo na sua família?

Sim, o meu avô. E um envolvimento intelectual e, sobretudo nos convívios da família. Mas nada de especial, nada de especial no sentido de que não era toda a classe média, a classe média não era tão acessível a esse tipo de setor social, cultural. Mas nada de maior destaque. A família foi sempre muito voltada para si mesma, convivências boas, nada mais do que isso.

Como aconteceu o seu envolvimento com o jornalismo?

Por acaso.

Como?

Eu não pensava em fazer jornalismo. Nunca havia passado isso pela cabeça. Bom, eu entrei por acaso, e um pouco... um acaso criado um pouco pela minha própria natureza. É que eu sempre gostei muito de ler, desde gurizote, e ler livros, não história em quadrinhos, livro infantil, não. Era livro de divulgação, livro de aventura, coisas desse tipo. Crescendo, era natural que eu caminhasse para ler

literatura e daí a tentar escrever coisas, crônicas, bobagens e tal... juvenilidades. Coincidiu que quando eu tive um ferimento mais sério no joelho – eu estava fazendo aviação – e não podia movimentar a perna, dobrar o joelho, fiquei meio disponível e um amigo meu levou com ele e mostrou na casa dele algumas coisas que eu tinha escrito... umas crônicas, umas coisinhas desse tipo. Sem que eu soubesse, isso foi mostrado ao Jacinto de Thormes, que era colunista do *Diário Carioca* – uma pessoa muito talentosa aliás – disse que o Ibrahim Sued que inventou a crônica social moderna no Brasil. Isso é uma inverdade absoluta. O criador de tudo isso aí, no gênero, foi o Jacinto de Thormes, que se chamava na verdade Manuel Müller, Manuel Bernardes Müller. Bom, morreu ano passado, eu acho. Então ele me mandou um recado, que fosse ao *Diário Carioca* – ele dirigia um suplemento no *Diário Carioca* que se chamava 'Revista do Diário Carioca'. E eu fiquei por ali e tal, achei engraçado aquela coisa do jornal, como é que aquilo era feito, me interessei e quis bisbilhotar a oficina e a redação. Enfim, daí fiquei. Eu estava com dificuldade de me localizar profissionalmente em aviação porque eu não simpatizava com a ideia de piloto comercial, de piloto de linha, parecia uma coisa meio rotineira, meio burocrática e eu gostava de um outro tipo de aviação, mais aventureiro. Gostava muito de acrobacia, esse tipo de coisa. Então, fui ficando e... fiquei.

Jânio, o que você começa fazendo no *Diário Carioca*?

No *Diário Carioca*, como eu também estava trabalhando como desenhista, na parte da manhã, numa outra empresa, então eu comecei ali vendo como é que se paginava e tal e, hoje dizem diagramar, e também escrevendo umas coisas, fazendo uns títulos, enfim, fiquei aprendendo ali. Dali eu passei à seção de Polícia do *Diário Carioca*, fiquei muito pouco tempo ali e o Carlos Alberto Tenório me ofereceu um lugar na redação propriamente, na seção de Polícia que ele chefiava – era um excelente jornalista. E comecei ali fazendo um pouco de reportagem de polícia, um pouco de redação da página. Passei a repórter geral, fui pinçado para a reportagem geral, comecei a trabalhar então com o Luís Paulistano, que foi um jornalista excepcionalíssimo, talento fantástico, não tinha interesse pelos aspectos, pelas questões gráficas do jornal, por fotografia, por nada disso, mas em matéria de reportagem e texto, particularmente texto, era uma coisa fantástica, uma técnica sensacional e um mestre como nenhum outro, com toda certeza. Muito exigente, um temperamento extremamente difícil, então ficavam muito poucas pessoas no *Diário Carioca* porque para passar pelo crivo do Paulistano não era fácil. Além de um aprendizado suficientemente rápido para não dar tempo de ele perder a paciência, era preciso também que ele tivesse simpatia pela pessoa porque senão

não adiantava muito. Às vezes, até a simpatia prevalecia sobre qualquer outra coisa, mas, enfim, ali eu aprendi muito com ele. Logo me tornei reescrevedor, repórter e reescrevedor, o que depois, fora do *Diário Carioca*, veio a se chamar *copy*, *copydesk*, que foi uma denominação adotada aqui pelo Carlos Lacerda na *Tribuna de Imprensa* e daí passada para o *Jornal do Brasil* no tempo do Odylo (Odylo Costa Filho) e ficou. Depois, fui logo também – foi tudo muito rápido – fui logo também trabalhar na primeira página com o Pompeu de Souza. Éramos dois redatores na primeira página, inicialmente o Armando Nogueira e eu, depois eu o irmão do Otto Lara Resende, Fernando Lara Resende, excelente redator também. Também que eu digo não é em relação a mim, mas em relação ao Armando. Enfim... aí seguiu.

Você mencionou duas pessoas que são muito importantes no *Diário Carioca* dessa época, o Pompeu de Souza e o Luís Paulistano. E o *Diário Carioca* passa para a história como esse lugar da renovação do texto de jornal nessa época. O Pompeu de Souza trouxe dos Estados Unidos a técnica do *lead*, esse novo formato de se escrever. Efetivamente, como é que as coisas se passaram?

Eu gostei que você tivesse falado duas vezes até em “nessa época, o *Diário Carioca* nessa época”, porque hoje eu ouço muito e leio muito coisas assim “Ah, o *Diário Carioca*... o *Diário Carioca*...” parece que toda vida do *Diário Carioca* foi uma vida de brilho, de inovação, de grandes equipes. Não foi. O *Diário Carioca* foi um jornal brilhante, num dado período da década de 50. Antes era um jornal pouco menos do que convencional, se é que menos. Depois a mesma coisa, depois desse período, mais ou menos a mesma coisa e entra em decadência e desaparece. Quando eu cheguei ao *Diário Carioca*, em 1953 para 54, essa característica do *Diário Carioca* como um jornal com um texto inovador já existia, já estava instalada lá, eu não participei da criação disso. Mas, embora eu não tenha testemunhado o início dessa coisa, constatei com muita facilidade que a contribuição do Pompeu foi muito grande, a contribuição do Danton Jobim, que não é citada, foi muito grande, em vários sentidos, inclusive porque o Danton Jobim tinha um gosto especial, muito especial, pelas questões gráficas, pela comunicação gráfica. Ele gostava muito disso e já era àquela altura um homem muito mais voltado para assuntos políticos e assuntos da empresa, se fosse o caso, e sobretudo para ficar em casa lendo e coisa e tal. Mas tinha deixado uma contribuição importante ali. E o Luís Paulistano, que não é citado nessa renovação, que é atribuída à viagem do Pompeu, e se formos falar de viagem, também há que falar de viagem do Danton aos Estados Unidos, a propósito exatamente de jornalismo, do curso de jornalismo da Universidade de

Columbia. Mas, independentemente de viagens, o Paulistano é que foi o caracterizador, propriamente dito, da maneira de fazer o *lead* no *Diário Carioca*, não é propriamente na maneira de fazer o *lead* não, é da criação de uma linguagem do *Diário Carioca*. Porque era uma coisa assim, entre o literário e o estritamente jornalístico, entre o original e o bom-humor. Era uma coisa muito especial, que depois o *Jornal do Brasil* veio a ter também, por um certo período, de maneira muito facilmente explicável, porque quando eu assumi, eu levei para lá o José Ramos Tinhorão e eu mesmo tinha vindo do *Diário Carioca*, Nilson Lage também foi redator do jornal o *Diário Carioca*; o Raimundo Ferreira de Brito. Esse aí é um time... o *Jornal do Brasil* chegou a ter um *copy* maior, mas esse núcleo que eu acabei de citar, talvez com um ou outro acréscimo, pessoas preparadas ali, por exemplo o Lago Burnett (José Carlos Lago Burnett) que foi preparado ali mesmo. Mas esse núcleo teve uma qualidade de texto para competir com qualquer equipe de texto de qualquer lugar. Eu só admitiria comparar esse núcleo ao núcleo de texto do *Le Monde*, na época. Nem àquelas coisas de *The New York Times*, que aliás é uma porcaria de texto. Mas sempre foi... texto chato, burocrático, seco. Mas esse grupo era muito bom e ele todo originário do *Diário Carioca*, exceto Lago Burnett, que veio do Maranhão direto para... O primeiro emprego que ele teve aqui foi esse mesmo, eu o pus lá, pedi para o Ferreira Gullar, que tinha sido amigo e companheiro de poesia dele no Maranhão. Tornou-se muito bom redator, muito bom, criativo e texto elegante, era um poeta. Enfim, não sei por que entrei nisso aí, mas por que foi?

Estava falando desses talentos do texto...

Ah, do *Diário Carioca*, do *Diário Carioca*.

Em quê, efetivamente, esse texto novo do *Diário Carioca* era diferente da forma como os jornais eram escritos antes?

Esse texto, embora não se usasse essa palavra no *Diário Carioca*, pelo menos eu não me lembro de ter ouvido nunca, esse texto tinha uma técnica. Ele era produzido a partir de conceitos técnicos, no final da história, né? Não se usava essa expressão, não me lembro de ter ouvido. E o texto anterior de jornal, e em grande parte isso voltou a ser assim, é um texto sem técnica, um texto "a la *vonté*". Então, isso aí deu uma característica essencial ao *Diário Carioca*, foi o diferencial do *Diário Carioca*, como diriam hoje. A *Tribuna da Imprensa*, mais tarde, tenta também adotar isso. Conseguiu, mas com menos, eu diria que com menos qualidade do que o *Diário Carioca*. Teve redatores muito bons, mas não teve o Luís Paulistano.

Quando você fala, Jânio, que era um texto que está pautado por alguns conceitos, mesmo que isso não fosse talvez tão claro na época, que orientações vocês tinha para fazer esse texto? Quer dizer, o Luís Paulistano dava orientações? Que idéias estavam pautando essa nova forma de escrever?

O Luís Paulistano me fez compreender que... compreender mais tarde, que só há um modo de você ensinar uma pessoa a escrever em jornal, não há teoria que você possa formular, não há orientação textual que você possa proporcionar e que transmita de fato o que deve ser a maneira de fazer texto de jornal. Essa maneira de transmitir é ali, lado a lado. E o que o Paulistano fazia não era, jamais, teorizar e produzir orientações. O que ele fazia era pegar o seu texto, reescrever o seu texto. Com frequência, embora isso na disposição de mesa, de cadeira, não sei o quê, no caso não fosse muito adequado, mas de qualquer maneira, frequentemente, com você ali em pé do lado dando uma olhada em como é que ele estava fazendo o *lead* e tal, fazendo o *lead* que você não tinha sabido fazer, um *lead* mais adequado, o correr mais adequado da matéria, do assunto. E com isso você aprendia mesmo. Era muito comum também que ele, depois de ter feito isso, ele chamasse você – durante a noite você via isso acontecer muitas vezes: uma pessoa debruçada diante do Paulistano, na mesa dele e duas laudas na mesa, a sua e a dele e ele mostrando ali. Ele dizia “Olha, isso aqui foi que eu puxei para cá, porque...” sempre com o risos. E ria, às vezes sem nenhuma razão, mas era uma pessoa muito bem humorada, embora bastante temperamental. E assim foi que nós todos aprendemos e eu também passei a trabalhar assim.

Mas já tinha manual de redação?

Não. Tinha um caderninho muito pequenininho chamado *Regras de Redação do Diário Carioca*, alguma coisa assim, mas era para dizer a você “Até dez escreva por extenso: um, dois, três, quatro. A partir de dez, use algarismos” esse tipo de coisa, pouquíssimas regras que o *Diário Carioca* tinha e esse livretinho foi feito pelo Pompeu de Souza, mas não criava nenhuma... não produzia nenhum resultado técnico, digamos. Era só para dar uma certa uniformidade em algumas coisas que não conviria que o jornal tratasse, cada redator tratasse à sua própria maneira, não mais do que isso.

Você comentou do Luís Paulistano, do Danton Jobim. E o Pompeu, como ele era?

Fisicamente?

Não. Como ele era na redação.

Porque fisicamente, era muito original.

Então conte também.

Era curioso e tal, era muito mais bem nutrido do que conviria, do que provavelmente ele gostaria de ser, tinha uma risada absolutamente monumental, que ele praticava com muita frequência e com muita facilidade. Um excelente chefe, excelente chefe, ele no *Diário Carioca* fazia, fundamentalmente, a edição da primeira página, e nos estimulava a todos muito. Uma ocasião eu saí do jornal com... quando eu tinha ido para a primeira página, havia pouco tempo que eu estava na primeira página, eu saí do jornal com o Carlos Alberto Tenório e andando – nós saíamos sempre a pé, todos, não tínhamos carro; um deles tinha carro, que era o Deodato Maia – mas, enfim, saímos, andando e conversando nós dois e a dada altura ele me disse “Ô Jânio, como é trabalhar com o Pompeu?” eu pensei e disse “Olha, Tenório, se o Pompeu um dia entrar... enfim, pegar um livro e disser ‘Meu filho’ – ele me chamava de ‘meu filho’ – ‘Meu filho, resume isso aqui para amanhã’ e eu vou achar perfeitamente natural, é uma coisa que o Pompeu fará tranquilamente e ainda dirá a você o seguinte ‘Olha, nós estamos conversando muito, apressa aí’ e você atolado naquele livro e ele achando tudo perfeitamente normal. Bom eu não me lembro se foi exatamente no dia seguinte, mas acho que foi, o Pompeu não chagava ao jornal. Seis horas, sete horas, oito horas... não aparecia. “Cadê o Pompeu?”. E o Danton supria a ausência do Pompeu, a ausência eventual do Pompeu e também o Danton tinha ido para casa cedo, no horário dele normal. Ele escrevia um artigo na primeira página três vezes por semana e o J. E. Macedo de Soares (José Eduardo de Macedo Soares), nos outros dias. Até que lá para as tantas, entra o Pompeu esbaforido, com um livro de três dedos de espessura ou mais, dos meus três, pára ao meu lado e diz “Meu filho, olha, corre, faz um resumo muito bom disso aí, porque é manchete amanhã, é a nossa principal matéria”. Era a mensagem do Juscelino (Kubitschek) ao Congresso, era um ‘catatau’ gigantesco, complicadíssimo. (Risos) “Eu vou morrer com esse livro aqui, porque eu não acabo com isso aqui em tempo nunca”, mas consegui acabar, o que provou que o Pompeu tinha toda razão. Era assim o Pompeu.

Jânio, como era o clima na redação?

Ótimo, era uma coisa deliciosa. Era um convívio realmente... Houve atritos, claro. Era inevitável que houvesse atritos, afinal éramos um bando de homens, com uma mulher, que era da seção de Polícia, trabalho de telefone de Polícia. Mas esses atritos nunca impediram que fosse um clima de um bom-humor, brincava-se o

tempo inteiro, todos brincávamos o tempo inteiro, chefes e não-chefes, contínuos e tal. Enfim, era uma coisa realmente, um clima realmente muito bom, o que me trouxe a convicção de que bom texto em jornal depende muito do clima da redação, das pessoas escreverem 'distensionadas'. Eu acho que aquilo que se chamava 'o texto' do *Diário Carioca* devia muito a essas brincadeiras que ocorriam na redação o tempo inteiro, todos os níveis e cantos e recantos da redação. E de noite, no final da noite, frequentemente, havia uma formidável pelada. Afastávamos todas as mesas, a redação ficava limpa e 'comia' uma pelada muito boa.

Você viveu, no *Diário Carioca*, um tempo muito tenso do ponto de vista político. Quais são suas lembranças de como o jornal cobriu a crise do governo Vargas em 1954?

Olha, não me ocorre que tenha havido nada de muito especial em termos de trabalho jornalístico. Trabalhávamos normalmente, saíamos, éramos muito exigidos porque era uma equipe muito pequena. Quando havia essas situações mais complicadas, nós tínhamos que nos desdobrar muito. Por exemplo, no último dia de vida do Getúlio, eu e Armando Nogueira passamos juntos a noite toda andando em frente, na calçada oposta ao Palácio do Catete, o que não se podia chegar até a porta... nem ir à praça ali em frente ao Palácio do Catete. E havia reuniões ali sucessivas de políticos, ministros. Então nós andamos ali de um lado para o outro, não se podia parar, era preciso andar e para acompanhar as pessoas que estavam chegando e saindo, nós andamos ali a noite toda. De madrugada, já muito cedo, nós conseguimos entrar no Catete, e a primeira pessoa a quem nós encontramos, na entrada do Catete, absolutamente vazio, inacreditável! Numa crise daquelas incrível, à entrada do Catete, as primeiras salas inteiramente vazias até que deparamos, de repente, com uma figura sentada num salão, uma perna passada sobre o braço da poltrona, ele afundado, com o rosto muito cansado, afundado na poltrona, era o Tancredo Neves, com quem nós conversamos um pouco e que nos deu, gentilmente e sutilmente, umas certas indicações do quadro e das reuniões que houve no Catete nessa noite, no correr todo da noite. Mas não dava mais para pegarmos o jornal, então fomos para casa, Armando para a casa dele e eu para a minha. Quando eu enfim cheguei em casa e pus a cabeça no travesseiro, exausto, estava trabalhando há praticamente 24 horas, eu ouço o *Repórter Esso*, liguei o rádio, era a notícia da morte de Getúlio. Mal o *Repórter Esso* terminou, tocou o telefone, era um recado do Pompeu para eu ir imediatamente para o jornal (risos). Levantei, tomei um banho (risos), um café e voltei. E isso para nós era completamente normal, porque era mesmo uma equipe muito pequena, muito

pouca gente. E nós gostávamos, acho que todos gostávamos muito disso, éramos todos muito moços e não nos fez mal nenhum, muito pelo contrário.

Como eram as condições da profissão de jornalista naquela época?

As condições eram as piores possíveis. A norma era que os jornais pagassem muito pouco. No caso do *Diário Carioca*, por exemplo, e outros, além de pagar pouco, pagavam irregularmente, com atrasos de meses, às vezes. Alguns deles, e o *Diário Carioca* era um desses casos. Não *O Globo*, nunca, o *Correio da Manhã* não, o *Diário de Notícias* não, mas o *Diário Carioca* sim. E a norma era que os jornalistas tivessem – e esse era um conceito de grande parte dos donos de jornal – tivessem o seu salário no serviço público, naturalmente dispensados de ir às repartições públicas pelo fato de que eram jornalistas, o que tinham do serviço público era o vencimento no final do mês. E no *Diário Carioca*, um pequeno grupo desses novos formados pelo Paulistano resistiu a isso, não quis entrar nessa coisa de pleitear emprego público a políticos e resolveu forçar a profissionalização, até um pouco sem consciência de que se tratava de criar um processo de profissionalização de jornalista. Esse grupo era constituído por Tinhorão, Evandro Carlos de Andrade, Armando Nogueira, eu, Gilson Campos – muito bom repórter... talvez mais um ou outro. Antônio Rocha, que se tornou diplomata, por curso no Rio Branco. Mas essa resistência durou pouco para alguns, no final restamos nela o Tinhorão, eu, o Gilson ainda por muito tempo, enquanto esteve em jornal, depois que deixou jornal não sei exatamente; o Evandro, o Armando, mudaram de opinião e de conceito de profissionalização. Talvez haja aí mais um ou outro de que eu não me lembre e para os que mantivemos essa linha e também para alguns dos que tinham um emprego público, mas precisavam ganhar mais a solução era trabalhar em dois, três lugares. A minha solução, por exemplo, foi: primeiro eu fazia o horário dobrado no *Diário Carioca*, entrava lá no final da manhã e saía quando o jornal fechava e depois eu passei a trabalhar na *Manchete* e no *Diário Carioca*, entrava de manhã na *Manchete*, nove horas, e saía do *Diário* à meia-noite.

Ainda sobre essa questão da profissionalização dos jornalistas, existia já atividade sindical relevante?

Não. Existia o sindicato, mas era uma espécie de repartição do Partido Comunista. Era muito fácil, àquela altura, liberar, obter carteira de jornalista porque o sindicato, o pessoal do sindicato inventava revistas. Por exemplo, "Penteado e não sei o quê" era uma dessas revistas que não existiam, mas serviam para registrar pessoas principalmente do próprio Partido Comunista porque os jornalistas desfrutavam na época de algumas vantagens muito especiais, por exemplo, não

declaravam Imposto de Renda, tinham 50% de desconto em passagens aéreas. Enfim, jornalistas tinham entrada livre em muitos lugares, espetáculos, a carteirinha do sindicato dava acesso a espetáculos, teatros, festas, coisas desse tipo. O sindicato se prestava muito para isso e até que também em relação ao sindicato, houve uma rebelião, um grupo de jornalistas que não tinha ligação, pelo menos ligação direta com o Partido Comunista e foi derrubada a diretoria e submeteu-se a um processo de renovação do sindicato. E aí começou lentamente a se criar uma vida sindical que se desenvolveu bem e depressa, inclusive com a colaboração dos comunistas do jornal que eram profissionais do jornal mesmo, eles participaram dessa renovação.

Quando aconteceu essa renovação?

Essa renovação começa mais ou menos, e em grande parte eu acho, a partir da profissionalização do *Jornal do Brasil*, porque eu levei as minhas idéias para o meu exercício do cargo no *Jornal do Brasil*. E passei, por exemplo, a não aceitar repórteres e redatores que tivessem emprego público. Não demiti ninguém que estivesse no *copy*, por exemplo, havia um caso assim que eu respeitei sempre, que era um grande profissional do jornal, muito mais velho do que eu, era o mais velho redator do jornal, uma pessoa de muito caráter, muito correta, eu respeitei que ele tivesse um emprego público. Nunca demiti ninguém por isso, mas também não admiti ninguém que tivesse e não aceitei. Quando alguém aceitou, aí sim eu condicionei a abandonar imediatamente, por exemplo, foi o caso de uma entidade que se chamava COFAP, que controlava preços e abastecimento, Comissão Federal de Abastecimento e Preços, que se chamava. Era uma coisa gigantesca, era uma população de jornalistas imensa, registrada na COFAP. Quando houve mais uma dessas coisas, eu... duas pessoas do *Jornal do Brasil* apareceram na lista e eu condicionei a continuação no jornal a, ou não assumirem ou se tinham assumido, se demitirem, ambos preferiram o *Jornal do Brasil*. Mais tarde houve um outro caso, uma pessoa que cobria Itamaraty, a dada altura, tornou-se funcionário do Itamaraty e aí eu pedi que deixasse de ser ou ficasse no Itamaraty. Mais tarde, depois que eu já não estava mais no *Jornal do Brasil*, soube que ele tinha conseguido um adiamento de nomeação, uma licença, um 'troço' desse, não sei bem. Deixou de ser jornalista também, o que fez muito bem, a ele e ao jornalismo.

Você trabalhou na revista *Manchete* de 1955 a 1957. Foi também como repórter?

Também. Era um outro caso de equipe muito pequena e, por exemplo, Armando Nogueira, eu, nós fotografamos, reportamos e éramos 'reescrevedores' de reportagens.

E nesse período, qual era a situação da revista? Qual era o lugar da *Manchete* no mercado de revistas daquela época?

O *Cruzeiro* tinha a maior tiragem, se bem que eu já duvidasse na época e hoje em dia eu tenho mais razões ainda para duvidar que as tais tiragens de 700 mil, 800 mil não fossem verdadeiras, mas tinham grande tiragem e a *Manchete* era a segunda revista. E o Otto Lara Resende, quando assumiu a *Manchete*, criou uma equipe bem pequena, muito pequena e nós nos animamos por fazer ali um reexame de jornalismo de revista e tal. E mudamos completamente a característica da *Manchete* com muito bom resultado. Os franceses sempre foram craques em fazer revista, nessa época eles haviam criado uma revista chamada *Paris Match*, que existe ainda, hoje em dia, uma bobagem completa, mas nessa época teve uma equipe sensacional e absolutamente inovadora, e foi mais ou menos o caminho que nós adotamos, com grande resultado. A revista teve muita repercussão e... Enfim, aprendemos muito, aprendemos muita coisa e no meu caso em particular, aquilo me levou a... porque eu fui sempre muito insatisfeito com o jornalismo que se fazia em jornal, em rádio, revista e me levou, enfim, a me questionar uma porção de sentidos e procurar respostas em termos técnicos. Foi muito útil para mim e eu acho que para nós todos ali, para o pequeno grupo que trabalhou ali foi muito bom. Mas era mal pago, não se ganhava bem não, duas pessoas talvez ganhassem melhor, duas ou três não sei. Mas na média o salário era pequeno e uma casa muito difícil, casa muito difícil, os Bloch eram muito difíceis, muito difíceis. Com isso, o Otto saiu no final de 57, saímos todos e, ou quase todos, pouco depois o Nahum Sirotsky, que assumiu no lugar do Otto, me chamou de volta à *Manchete* e eu fiquei como repórter lá... 58, o ano quase todo de 58, foi uma fase também bastante difícil. O Nahum não conhecia a revista, o Dines (Alberto Dines), que era uma espécie de imediato do Nahum também não sabia nada de revista e foram mudadas ali várias pessoas e tudo feito um pouco na base do... não era isso, mas era um ar de improvisação. Havia mais pose do que saber. Então, foi uma fase para mim muito desagradável e eu fui para *O Cruzeiro*, que tinha resolvido também mudança e tal. Então fomos, da *Manchete* fomos para lá o Armando, que tinha sido da *Manchete*, não tinha voltado, foi para lá; o Borjalo (Mauro Borja Lopes), eu, da redação fomos nós três. O Amílcar de Castro, que tinha começado a travar contato com diagramação na *Manchete* em 57, eu acho, foi para *A Cigarra*, que era uma revista do Grupo Cruzeiro, uma revista mensal. Só.

Você falou dessas mudanças que esse grupo promoveu na *Manchete*. Na prática, que mudanças foram essas?

Falamos de texto no *Diário Carioca*; na *Manchete*, procura-se um texto de revista e, aparentemente encontramos alguma coisa bastante própria da *Manchete*. Tanto assim que procuramos levar para *O Cruzeiro* e as pessoas do *Cruzeiro* passam a nos procurar para conversar sobre revista, entusiasmados – eles do *Cruzeiro* – com o que se passava na *Manchete*. Em termos gráficos, limpamos completamente, tiramos todos aqueles ‘balangandãs’, tiramos aquela coisa toda de fotografia recortada, sobreposição em fotografia, uma coisa que os jornais voltaram e as revistas voltaram a usar – o que é uma imensa regressão do jornalismo brasileiro. Limpamos inteiramente aquilo tudo, paginações assim, muito elegantes, com uma grande valorização do material fotográfico, diminuímos imensamente a quantidade de fotos para usar o que houvesse de melhor e aí, com todo respeito pelo que a foto pudesse valer, que é uma coisa que eu levo para o *Jornal do Brasil*. Enfim, foi um pouco de pensar a revista em vez de continuar fazendo aquele negócio com letras desenhadas no pincel, os títulos em cima das fotos, nada disso, acabar com toda essa coisa que vinha do final do século XIX.

Você veio de uma “escola de texto de jornal”, que foi o *Diário Carioca*, com o Luís Paulistano. Como foi esse processo de adaptação para um texto de revista que vocês se propuseram a desenvolver na *Manchete*?

Depois que a gente domina, razoavelmente, uma primeira técnica de texto, não fica tão difícil você encontrar, se procurar, outros usos técnicos do texto, outras vias técnicas de produção de texto. E no caso da *Manchete*, tratou-se em primeiro lugar, de nós entendermos que diferentemente do que tinha acontecido conosco no *Diário Carioca*, nós não trabalhávamos mais com notícia. Nós passáramos a trabalhar com informação sim, mas também com sentidos adicionais da informação que não seriam, digamos, necessários até às vezes, eram enriquecedores. Então se tratou de fazer um *mélange* dessas duas coisas, uma fusão, uma combinação, melhor dizendo, dessas duas coisas para produzir um texto que ao mesmo tempo fosse atraente, gostoso de ser lido e representasse uma função para quem estivesse lendo. Que é no final da história o que caracteriza a função, que caracteriza o texto jornalístico em jornal, em revista, em televisão, em rádio, onde for. E em segundo lugar, nós tivemos para isso, parcialmente, um pouco, mas algum auxílio do texto francês de revista, do texto do *Paris Match*, que era magnífico, embora muito caracteristicamente francês. Se pura e simplesmente fôssemos fazer uma adaptação brasileira não daria certo. O texto francês é mais largado, é mais solto.

Hoje em dia está bastante pesado, mas na sua grande fase, que também foi na década de 50 para 60 e um pedaço bom de 60. Depois esse texto se transfere, na França, para a primeira revista e a primeira e a segunda fases do *L'Express*, primeiro quando ele é tablóide e depois quando ele adota o formato semelhante, igual ao do *Times*, o formato, com a redação dirigida pela pessoa que eu reputo a melhor jornalista de que eu tive conhecimento, é uma mulher: Françoise Giroud, craque, fantástica! Um texto maravilhoso, uma editora sensacional, uma chefe de reportagem incrível, tinha sido do *Le Monde* e depois foi para o *L'Express*. E bonita, além do mais.

Jânio, é a terceira vez nessa entrevista que você cita o jornalismo francês. Fala-se muito da influência do jornalismo norte-americano, principalmente por conta da pirâmide invertida e da estrutura do lead. Mas qual era, então, a influência do jornalismo francês no jornalismo brasileiro?

Até a introdução do *lead* aqui, o jornalismo brasileiro foi todo ele, desde a sua mais remota presença, foi todo ele inspirado no jornalismo francês e não no jornalismo americano. Secundariamente no jornalismo inglês. O jornalismo americano passa a ser considerado aqui e citado, em vão quase sempre, a partir dessa coisa do *lead* no *Diário Carioca*. E foi de fato uma idéia muito boa, uma criação excelente dos americanos, do jornalismo americano. O jornalismo francês não adotou isso, o texto jornalístico diário francês nunca foi inovador, bom texto porque francês já nasce escrevendo bem, aquela coisa cartesiana e tal, então o texto sai bom. Se você pensar direito, escrever bem, no fundo é pensar bem, é pensar direito, é pensar ordenadamente, se você pensar ordenadamente você expõe direito, expõe com clareza, então daí para expor com clareza e elegância e bom gosto, o pulo não é tão grande. Mas o que valia, o que sempre valeu no jornalismo francês diário, jornal – e isso fez a qualidade do *Le Monde* – foi a altitude intelectual dos jornalistas franceses. Eles se tornaram pessoas capazes de pegar uma coisa muito simples e dali extrair um texto analítico, um texto abrangente como nenhum outro jornalismo fez sistematicamente. O jornalismo inglês também sempre foi capaz disso, mas os franceses em proporção muito maior, e no caso do *Le Monde*, com muito mais brilho. Foram fases maravilhosas do *Le Monde*. Você pega, por exemplo, Guerra do Vietnã, havia, sei lá, cinco repórteres americanos por metro quadrado no Vietnã, o grande repórter no Vietnã era do *Le Monde*, que era estupendo, você lia e entendia o que tinha acontecido: acabou de haver um ataque a tal cidade, ofensiva do Tet, você podia ler. Todas as agências, do *New York Times* todo, do *Washington Post*, do *Los Angeles Times*, agora para entender, você tinha que ler o *Le Monde*. Você ia ler e havia um mapinha, um não sei o quê, agora, era

um texto estupendo, com a melhor informação, a melhor seleção de informação e uma percepção da essência do fato que os americanos não têm. Americano só vê, o jornalismo americano só conhece, só é capaz de identificar a superfície do fato, se tiver que descer um palmo, não vai, não consegue, nem os colunistas, poucos colunistas americanos são capazes de mergulhar um pouco. Agora e tal eu nem me lembro... tem o, pelo fato de que não é colunista, tem o Paul Krugman, o que não é jornalista americano, está escrevendo em jornal mas não tem formação jornalista, não é um jornalista profissional, agora até é, mas não é jornalista profissional. Mas é um ser inteligente, com uma visão bastante abrangente e audaciosa. Jornalista americano quando ele sobe um pouco ele começa a se achar parte do Departamento de Estado, ele pensa em função das razões de estado e aí tem aqueles caras, aquelas estrelas, James Reston, William Safire. O *The New York Times* acha que o Departamento do Estado é ele, o outro, aquele negócio chamado Departamento de Estado, é uma sucursal e tal, o governo americano. E é a morte do jornalismo, ou pelo menos é a amputação de grande parte do sentido do jornalismo. Não é à toa que de repente acontece uma coisa como *Watergate*, o *New York Times* não entrava, não entrava, não entrava no assunto. Por quê? Razões de estado, de Presidente da República. E o jornalismo? Esqueceram dele? Então é... o jornalismo americano é complicado.

Interessante você ter comentado sobre a influência do jornalismo francês, porque aqui fala-se muito sobre o *lead* isso, o *lead* aquilo, parece que não é bem por aí....

Não, eu acho que a contribuição do jornalismo americano ao brasileiro foi muito boa no que diz respeito ao *lead*, que foi nos Estados Unidos uma resposta deles a dois problemas: um, o crescimento do rádio como instrumento informativo, aquele texto como chamado 'nariz de cera', aquele xarope... "a lua que brilhava"... "aí o assassino atravessou"... Aquela coisa não combinava mais com a era do rádio, como instrumento de jornalismo. E em segundo lugar, ao problema de uma nova destinação que os jornais começaram a ter lá, muito antes do Brasil, que era... os jornais surgiram todos, sempre – nega-se isso historicamente, jornalisticamente – mas a verdade é que os jornais nasceram não para ser veículos de informação, para uso político. Nasceram sempre filiados a algum projeto político, a alguma luta de interesse comercial que precisava passar pela força política, pelo prestígio político de um grupo ou de outro. E de repente eles começam a ver sobrepor-se a essa finalidade um caráter informativo de interesse muito mais abrangente do que propriamente a comunicação com aqueles grupos aos quais se dirigiam

politicamente. Então, era importante começar a valorizar esse lado do jornal e aí, assim se foi criando a técnica de jornal. O *lead* é um segmento dessa técnica, é um dos segmentos dessa técnica e provavelmente o melhor de todos, eu acho que o melhor e, aqui no Brasil, foi o que deu um fruto inequívoco, indiscutível. Os outros, eu acho muito discutíveis. Em jornal no Brasil, fala-se muito na objetividade, na independência. Olha, a objetividade é bastante discutível e, na verdade, impraticável. A objetividade integral é absolutamente impraticável, você ao dimensionar um texto, ao fazer um título, ao escolher o *lead* você, de uma ou de outra maneira está questionando, pondo em xeque a subjetividade. O esforço é ser tão objetivo quanto possível e na notícia, na formulação da notícia ser tão imparcial quanto possível, agora vamos manter o 'quanto possível' como uma regra, como reconhecimento integrante da própria regra. E a independência de que os jornais americanos tanto falam também é relativa lá por causa das ligações políticas e comerciais da maioria dos jornais americanos. Políticas pode-se dizer que todos têm a ponto de que é comum e eu não critico isso não, acho que é uma coisa possível. Que eles, por exemplo, se definam diante dos candidatos a governador, a prefeito da cidade, a presidente da república e tal. Isso, evidentemente, implica um certo compromisso, uma certa cessão da sua independência política, ainda que não seja uma filiação, é uma associação política. E independência aqui também é muito relativa, não digo que em todos os casos, mas na maioria dos casos.

Jânio, uma última pergunta sobre a revista *Manchete*. Como foi a entrevista com Agildo Barata, quais eram as circunstâncias ali que estavam envolvidas, qual foi a repercussão dessa entrevista?

O Agildo Barata tinha sido um importante revolucionário do Levante Comunista de 1935, ele foi a principal figura do levante no primeiro RI, que foi um quartel ali na Praia Vermelha, onde até hoje, os militares brasileiros dizem que companheiros deles foram assassinados dormindo, por mais que a História desminta isso. A cada aniversário do levante, lá vem esse xarope. Mas ele estava na clandestinidade naquela altura em que eu o entrevistei havia nove anos, eu acho. Porque o Partido Comunista tinha sido posto na ilegalidade, os deputados e senadores do Partido Comunista tinham sido cassados e enfim, houve uma circunstância com umas pessoas possivelmente vivas, eu não vou citar nenhum nome, mas houve uma circunstância em que se abriu a possibilidade de que eu fosse levado a um encontro com o Agildo Barata. A minha impressão é de que eles estavam há algum tempo, não sei se algum tempo, mas enfim, tinha procurado uma pessoa que eles achassem que não poria em risco o encontro com o Agildo, o próprio Agildo e então, eu fui uma madrugada, uma noite, atravessando a madrugada, entrevistá-lo

e foi engraçado que eu temi a pessoa cuja fotografia já tinha visto várias vezes, mas eu temi que houvesse alguma trapalhada e para não pôr o Agildo em risco me pusessem um sujeito parecido falando como se fosse o Agildo e tal. E aí falei “Pô, duas coisas têm que acontecer: uma, tem que haver uma fotografia minha com ele, então vai ter que aceitar ser fotografado; e outra, eu preciso de um modo de identificá-lo”. Então eu arranjei umas fotografias do Agildo no jornal *A Noite*, no arquivo do jornal *A Noite* e lá, eu arranjei imediatamente um pretexto para mostrar para ele e “Olha, lembra dessa situação?” para eu olhar (risos), olhar para o cabelo e tal, se está mais embranquecido ou não, mais isso ou aquilo, temia que ele estivesse diferente ou não fosse o Agildo; diferente e eu não pudesse identificá-lo. E foi uma entrevista que teve uma repercussão grande porque, primeiro porque eu não sei, foi uma figura muito destacada pela valentia, era considerado um herói da época, e um tipo heróico e clandestino havia muito tempo e ninguém sabia dele. Além disso, deu uma entrevista que era uma bomba porque era o Agildo criticando muito a corrupção do Partido Comunista pelo Prestes (Luís Carlos Prestes), a própria conduta do Prestes e rompendo, praticamente, com o Partido Comunista para sair para outra e, fazendo uma análise bastante detalhada e informada da conjuntura brasileira da época e tal – era governo Juscelino – então foi uma entrevista que teve... até me causou um imenso desgosto, um imenso aborrecimento porque eu estava trabalhando em outro assunto qualquer, não me lembro, e ‘me passaram a perna’ na *Manchete*, porque a entrevista era para não aquele número que estávamos acabando de produzir, que estava acabando de ser produzido na redação, mas o da outra semana. Então eu queria fazer uma edição, eu mesmo, da reportagem, mas eu tinha um trabalho qualquer para fazer na rua, um assunto em que eu estava trabalhando, saí, quando voltei, tinha deixado a reportagem para o Nahum ler, Nahum e o Dines lerem, enfim, outras pessoas, e quando voltei, eles tinham ‘tocado para o pau’, puseram lá um título completamente idiota, atacando o Prestes, um ataque direto “Prestes é um general que desconhece a UDN (União Democrática Nacional)” esse não era o título da reportagem. Foi uma péssima edição, eu acho. Ainda assim, a entrevista teve, pelo teor e por ser quem era o entrevistado, ela teve uma grande repercussão. O Partido Comunista dividiu-se mesmo, um grupo importante seguiu o Agildo, eles criaram um movimento e isso até apressou a minha ida para o *Jornal do Brasil*. Eu fui, em seguida eu fui aos Estados Unidos pela *Manchete*, mas eu já estava indicado ao Odylo que tinha assumido ali há pouco tempo o *Jornal do Brasil*, o Carlos Castello Branco, que era amicíssimo dele e com quem eu tinha trabalhado no *Diário Carioca* havia indicado a mim e ao Ferreira Gullar para o Odylo convidar. E quando eu voltei, o Odylo então me chamou logo para ir... aliás, antes de eu ir, ele me

chamou antes de eu ir. Mas eu primeiro fui aos Estados Unidos e quando voltei fui para o *Jornal do Brasil*, que estava começando a formar uma equipe. Trabalhávamos todos numa sala só, pequena e fiquei.

O que você fazia no JB?

Ah! Por causa dessa reportagem, o Odylo pretendeu que eu fizesse esse mesmo tipo de coisa ou coisas parecidas num grande espaço, no *Jornal do Brasil* e tal. Mas quase imediatamente também ele me pediu para ficar reescrevendo o jornal com o Gullar e mais duas ou três pessoas, Wilson Figueiredo, Quintino Carvalho e Bandeira da Costa. Porque o material, nessa época, o material do *Jornal do Brasil* era aquele que vinha da Agência Nacional, basicamente aquele que vinha da Agência Nacional e reescrevíamos aquilo ali para não ficar um texto oficialista, inclusive porque o Odylo era de oposição. O Odylo era fundamentalmente uma pessoa voltada para a política, muito mais que para o jornalismo, o jornalismo era, não digo secundário, mas, enfim, decorrente do interesse político do Odylo, que era um udenista, muito ligado à direção da UDN, às figuras proeminentes da UDN. E a Agência Nacional naturalmente fornecia um material governista do governo Juscelino, PSD (Partido Social Democrata). Então, fiquei ali trabalhando como *copy*, reescrevedor enquanto se foi formando a redação, entrando gente para a reportagem, para texto, tudo mais. Assim fiquei um largo tempo ali até que o Ferreira Gullar e o Amílcar de Castro tiveram atritos independentes com o Odylo e foram embora do jornal, um demitido, que foi o Gullar; o outro se demitiu, foi o Amílcar, e aí quis sair da redação e fui para o 'Esporte'.

Você estava falando "A gente, para a parte política, na verdade era basicamente o que vinha da Agência Nacional e nós reescrevíamos". Era um jornal que tinha pouca ou quase nenhuma reportagem. Era isso? O JB começava então a investir nisso?

Era. Era. E o *Jornal do Brasil* antes da ida do Odylo e da nossa ida, tinha inseridas nas páginas de classificados, entre as páginas de classificados, algumas páginas de noticiário, que era feito basicamente com o material que vinha da Agência Nacional. E essas páginas continuaram, porque o grosso do jornal eram páginas de anúncios de classificados, desde a primeira à última era um jornal de anúncios classificados. O que acontece é que essas páginas começam a ser reescritas, o material da Agência Nacional com que eram feitas essas páginas, esse material começa a ser reescrito e depois, o Odylo começa a contratar repórteres para fazerem material para essas páginas. Mas havia muito pouco interesse com a notícia imediata, pela notícia imediata, então não chegava a ser um jornal propriamente informativo.

Essas páginas foram deixando proporcionalmente de ser ocupadas por material reescrito da Agência Nacional para serem ocupadas com o material produzido pelos repórteres, que vieram na maioria da *Tribuna da Imprensa* por causa também da ligação do Odilo com o Lacerda na UDN, com o jornal mais próximo; o *Diário de Notícias* também, que era um jornal udenista, algumas pessoas vieram do *Diário de Notícias*, mais por via do udenismo do que do jornalismo. Assim ficou, mais ou menos, o jornal até a saída do Odylo em dezembro de 1958.

Nesse período então, anterior à saída do Odylo, que outras modificações fazem parte dessa fase inicial da reforma do JB? Como foi se processando esse início, essas primeiras mudanças do jornal?

O jornal começa a mudar na seção de esportes. Esse assunto é um dos que me afastaram desse gênero de entrevista que nós estamos fazendo aqui agora, porque são tantos os proprietários de cada idéia ali, que eu não pretendo de maneira nenhuma me incluir entre os que disputam qualquer idéia ali. Para mim não faz a menor diferença ter criado isto ou aquilo ou não ter criado absolutamente nada, eu não serei melhor como pessoa por ter feito isto ou aquilo. Não estou disputando nada com ninguém. Eu sei o que eu fiz. Pronto. Então eu digo a você com toda a honestidade que eu não sei se eu vou responder às suas perguntas e isso vai ser uma coisa que acontecerá independentemente do que eu decida.

Fala um pouco então desse lugar do Esporte no jornal, porque o Esporte não era um assunto nobre no jornal. Era? O esporte não era separado da redação? Não tinha essa história? Quer dizer, era um lugar menos nobre, não era?

Em todos os sentidos. Era uma 'pagininha' só, não tinha equipe propriamente, tinha um repórter profissional e depois veio a ter dois ou três meninos que queriam aprender a fazer jornalismo esportivo, só. O jornal tinha muito poucos fotógrafos, acho que dois só, não de esporte, dois no geral – se não me engano, era isso. Então era um exílio mesmo, mas que eu tinha escolhido porque eu fiquei muito desagradado com... enfim, havia realmente um mal-estar na redação porque eu e o Ferreira Gullar já éramos jornalistas com alguma experiência, eu no *Diário Carioca*, uma experiência de anos no *Diário Carioca*, uma ascensão muito rápida, mas de qualquer maneira tinha passado por tudo numa redação; o Gullar, com a experiência de revista e uma breve passagem pelo *Diário Carioca*. O Amílcar era uma pessoa muito talentosa, não tinha formação de paginador nem de jornalista, jornalista então, nenhuma, era um escultor, um pintor. Mas, enfim, éramos todos desejosos de mudar aquela chatice toda e as coisas não caminhavam, não

andavam e foi tudo muito desgastante, um período muito desgastante para nós. Então, eu lá fui para o esporte e aí achei que, falei "Ah, estou aqui desse lado mesmo, vai. Daqui a única porta com quem eu posso contar aqui é a que dá na rua". Então comecei a fazer minhas experimentações, enfim, aplicar algumas coisas de que eu tinha convicção, mas não tinha tido oportunidade de fazer mesmo, experimentar mesmo, tirar fio... Os jornais eram todos repletos de fios. O Carlos Lemos presta vários depoimentos em que se atribui dessa idéia, pode ficar para ele, não me fará a menor falta.

Qual foi a repercussão dessas novidades? De abrir foto, tirar fio? Estou falando do leitor mesmo, ele teve essa percepção?

No esporte não. Esporte não porque o restante continuava sendo aquele mesmo negócio de a primeira página com classificado. Nós tínhamos conseguido antes pôr uma foto na primeira página. Criou-se até um episódio muito engraçado porque o Odylo entrou uma fera (risos), uma bala, porque nós aproveitamos que ele não estava na redação, ele nesse dia ou saiu cedo ou faltou e nós colocamos uma tremenda foto no meio dos classificados (risos) lá em cima, 'fotona', aí ele entrou no jornal realmente 'cuspindo fogo'. Mas aí a Condessa chamou ou telefonou para ele ou chamou, eu não sei, elogiando imensamente, então tudo mudou, se pacificou logo e é desagradável dizer isso, mas foi assim que começou. Mas na de esporte não teve repercussão senão ali, interna e porque o jornal não mudou, só passou a ter essa foto da primeira página e não teve... A redação cresceu, entrou uma porção de gente, mas em termo de tiragem, de anúncio, nada, o anúncio continuava sendo o classificado, a tiragem continuava sendo a de sempre e produzida pelo classificado. E o esporte não havia nenhuma razão para uma página só de esporte fazer vender o jornal, enfim, chamar atenção para o jornal, ficou sendo aquilo mesmo e eu fiz ali uma porção de experimentações com muito entusiasmo do Odylo, mas não só do Odylo, o Nascimento Brito e pessoas que... do Iate, por exemplo, onde o Brito tinha uma lancha, passamos a publicar umas coisas sobre um negócio qualquer de uma regata, que eu peguei e abri uma foto de fora a fora, que era uma coisa, esportes em jornal, né? Então essas coisas chamaram a atenção em certos setores e ali dentro do jornal e o Odylo mesmo foi um entusiasta daquela página de esportes e fez até algumas tentativas de me trazerem de volta ao outro andar, mas eu não quis não... enfim.

O que acontece quando o Odylo sai do jornal, que rumos a reforma toma?

Quando o Odilo sai, o Nascimento Brito me chamou para conversar e tal, porque sabia que eu tinha ideias, aquilo que eu tinha feito lá na seção de esportes, e a

conversa foi muito bem até que eu disse a ele "Bem, tá. Mas como é que nós ficamos em termos salariais?". Porque eu trabalhava no *Jornal do Brasil*, trabalhava no *O Cruzeiro* e trabalhava na rádio *Jornal do Brasil*. No *Cruzeiro* durante o dia, o que era uma viagem, porque *O Cruzeiro* era lá na rua do Livramento e eu morava em Ipanema, não havia o Aterro (Aterro do Flamengo), aquele ônibus vinha ó, era uma coisa terrível, eram duas conduções para eu chegar ao *O Cruzeiro*. Saía de lá às carreiras para ir para a rádio *Jornal do Brasil* e da rádio para o jornal. E o Brito ficou muito insultado quando eu perguntei a ele como é que era a questão do salário "Não, sendo assim nós não podemos conversar" aí eu disse "Então, realmente não podemos porque eu sou profissional do jornalismo, eu não sou amador, eu vivo disso" "Ah, então está bem" "Tá bem, tchau". Aí voltei para o esporte e lá fiquei na expectativa de ficar no esporte, mas aí fui imediatamente transferido para a chefia do texto, para modificar o texto, não sei o quê, do *copy*, como diziam. Era uma novidade introduzida pelo pessoal da *Tribuna*. E de vez em quando o Brito entrava lá na redação e "Então, como é que ficamos?" "Não ficamos" ele não dava o braço a torcer e nem eu, eu vivia de jornal, ia fazer o quê? Eu realmente não estava muito, eu não estava seduzido por essa ideia, achava que não. Até que um dia ele entrou lá e, enfim, abriu o jogo e disse "Não, vamos combinar o seguinte, vamos retomar aquele projeto e vamos combinar o seguinte: você fica com um mês para me apresentar o seu projeto para o jornal" eu falei "Ah, isso eu não quero de jeito nenhum, porque eu vou pegar tipos, vou recortar tipos muito bonitos de revistas americanas, fotografias muito bonitas, vou fazer uma coisa muito engraadinha, muito interessante que não tem nada a ver com esses tipos de anúncio de classificados que a gente tem aqui nas linotipos, com o material fotográfico que a gente tem, então o que eu vou fazer é uma vigarice. Vai ser muito bonitinha, tenho certeza de que vai ser aprovado, só que não tem nada a ver com a realidade, na hora de fazer o jornal não há como fazer aquilo. Então para que eu vou ficar um mês planejando um troço que não tem sentido?" "Ah, então é inviável. Então como é que a gente faz?" eu falei, era uma sexta-feira, eu falei "Olha, se for virar o jornal, para transformar o *Jornal do Brasil* em jornal, é virar na segunda-feira" "Pô, mas isso e tal? Temeridade. Então faz uma outra boneca pelo menos" "Não faço, não tenho paciência para isso não". Aí conversa para lá, para cá e tal, ele "Mas que garantias se isso for um desastre?", eu falei "Não, eu garanto". Em um ano a gente dobrou a tiragem, teve 100% de aumento da tiragem em um ano. "Mas você garante isso?", eu disse "Não tenho nada, se der errado eu não tenho para eu cobrir. Agora, que não vai dar errado, não vai". Ele topou, louco varrido, eu era um 'garotote' de vinte e poucos anos, ele topou. Eu trabalhei no sábado editando até oito e tanta da noite porque eu tinha sido transferido para a

chefia do *copy*, quando eu não quis da primeira vez ele me tirou do esporte, me pôs chefiando o *copy*. E aí eu fui para casa e trabalhei o domingo todo, sábado de noite, domingo. Na segunda-feira saímos com um novo jornal, sem fio, foto grande...

E isso teve repercussão no dia seguinte?

Ah, foi muito grande! Foi muito grande. Na noite, para ver impresso, o Carlos Alberto Tenório, que estava trabalhando lá como repórter, ficou comigo até o jornal rodar, de madrugada. Aí eu já fui para casa arreliado. Falei "Deu certo, vai dar", aí o jornal começou a (simula o som de um vôo), começou uma ascensão imensa, em pouco tempo a tiragem tinha dobrado em um ano para que eu cumprisse a palavra, dobrou muito rapidamente, aí (simula o som de um vôo), disparou em um ano. Depois rodava o que a outra máquina podia rodar.

Mudou o público do jornal?

Ah, muda completamente.

E qual passa a ser esse público do *JB*? O que era antes e o que passa a ser?

O público do *Jornal do Brasil* era um público de quem precisasse comprar automóvel, contratar empregadas domésticas – chamavam de jornal das empregadas domésticas – e não era só isso, porque qualquer coisa de que você precisasse e pudesse encontrar em anúncios classificados, estava no *Jornal do Brasil*, uns 'anunciozinhos'. E passa a ser um público qualificado, um público político, um público interessado em ler jornal com prazer, porque o texto do jornal se torna muito interessante, muito atraente, muito bom, muito bem-humorado, que era uma coisa que vinha do *Diário Carioca*. Era um jornal muito original, do ponto de vista gráfico, foi uma coisa realmente muito nova. Por exemplo, se não houvesse uma... nunca houve uma primeira página que se repetisse, enquanto eu estive lá, se não houvesse uma foto merecedora de espaço na primeira página, simplesmente não havia "Então não tem foto" "Não tem, não tem". O jornalismo é em grande parte, talvez na maior parte, falsificador e eu não me dou bem com essa ideia. Então não há foto interessante, não há "Nós não temos hoje uma foto interessante, uma foto que seja noticiosa, que seja enfim, não há foto". E foram feitas também todas as experiências, a primeira página só com títulos, sem um texto, cada uma teve o seu próprio desenho, não há nem um desenho repetido naquele período. E não só no sentido gráfico, mas também no sentido textual, no sentido temático, por exemplo, as primeiras páginas dos jornais grandes – não era o caso do *Diário Carioca*, misturado, o *Diário Carioca* tinha tiragem muito pequena,

muito pequena, ele não tinha expressão, ele era um jornal pelo qual as pessoas se interessavam, um certo núcleo de pessoas se interessava, por causa do brilho do jornal, com cronistas muito bons, Sérgio Porto, Paulo Mendes Campos, mas tiragem, tinha insignificante e era o único que misturava textos também brasileiros, notícias brasileiras. O *Jornal do Brasil* passou a fazer isso, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, todos eles eram notícias estrangeiras, só, a opinião internacional na primeira página. Então, o jornal rapidamente começa – eu não sei por que que eu toquei nisso, mas...

Eu lhe perguntei sobre a mudança de público.

De público. Pois é, o jornal ganha um interesse, uma dimensão em relação aos que eram mais importantes, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, muito em função dessa originalidade que ele traz, pessoas vão descobrindo. O jornal não teve nenhuma, nenhuma promoção quando ele se refaz nessa ocasião, não houve um anúncio, não houve nada. Era uma coisa que os próprios jornalheiros gostaram do jornal, se entusiasmaram com o jornal e procuravam expor o jornal. Foi curioso. Mas a gente caprichava para chamar atenção em certas coisas, por exemplo, cortes de fotografias, sempre gostei muito de fotografia, até ganhei prêmio no exterior de fotografia; e o Amílcar cortava muito bem foto também e a gente caprichava em certa originalidade fotográfica, nós gostávamos de expor e isso começou a chamar atenção do jornal, era um jornal alegre, divertido, leve. E pegou, rapidamente a tiragem cresceu muito, muito, a tal ponto que, com frequência, o jornal não podia imprimir mais para vender mais, ou seja, não podia vender mais por causa do horário da Avenida Rio Branco. A velha Marinoni ia suspirando até o horário de a Avenida Rio Branco ser, interditar a saída do jornal ali. Mas, enfim, foi divertido fazer isso.

Você participou da renovação do texto no *Diário Carioca* e da renovação gráfica do *Jornal do Brasil*. A gente está falando da década de 1950, que é um tempo muito marcado por essa idéia do moderno, do novo, das vanguardas artísticas, da arquitetura moderna. Em que medida havia um diálogo entre essas renovações no jornalismo e uma cultura de época?

Existe, existe. Existe certamente. Nós... o Amílcar era bem mais velho do que nós, mas os outros éramos mais ou menos do mesmo top – eu era o mais novo de todos – mas o Ferreira Gullar, o Armando Nogueira do tempo do *Diário Carioca*, enfim, era um pessoal mais ou menos da mesma geração, com certas oscilações, e claro que nós estávamos muito imbuídos daquela descoberta da cultura, da novidade, da mudança, da coisa moderna e de uma imensa insatisfação com tudo

aquilo que era muito estratificado. E o jornalismo era imensamente estratificado, eram uns jornalões chatos 'pra burro', e muito desagradáveis. Então, eu acho que, no fundo, o *Jornal do Brasil*, aquela que chamam de reforma do *Jornal do Brasil* – não era reforma porque não havia forma antes, era um monte de classificado – mas, enfim, aquilo correspondeu a uma ansiedade e isso explica uma boa parte da adesão tão farta e imediata que o público teve, fez o *Jornal do Brasil*. E a gente encontra mais ou menos a mesma coisa em teatro, cinema, quer dizer, havia um... o brasileiro estava um pouco cansado daquele 'mesmismo'. Foi a nossa parte naquela altura do campeonato, nós depois tentamos continuar em outros, por outros caminhos, em outros jornais. Eu gostei muito do *Correio da Manhã* que eu fiz depois do *Jornal do Brasil*, teve um êxito tão grande que bateu o próprio *Jornal do Brasil*, rapidamente, com muita facilidade. O *Jornal do Brasil* tinha batido todos, tinha ficado em primeiro longe de qualquer outro. No caso do *Correio da Manhã*, nem tão longe, porque era um jornal muito tradicional e muito forte aqui no Rio, mas a virada do *Correio da Manhã* eu acho que foi uma coisa interessante.

Jânio, então vamos falar sobre o *Correio da Manhã*. Como foi sua entrada no jornal?

Contra a minha vontade. Quando eu saí do *Jornal do Brasil*, eu decidi sair não do *Jornal do Brasil*, mas sair do jornalismo. Eu percebia que havia uma... que há uma boa incompatibilidade minha com o jornalismo, principalmente como era feito e em grande parte como é feito, e eu quis sair do jornal. Então, Flávio Damm, eu, Zé Medeiros... criamos uma agência chamada Image e eu não queria pensar mais em jornal. Quando Paulo Bittencourt, que era o dono do *Correio da Manhã*, estava de volta ao Brasil depois de cinco anos na França, ele, como me contou depois, chegou aqui e ficou abismado com o fato de que ele saía, ia aos lugares à noite, às festas e ele ouvia todo mundo falar do *Jornal do Brasil* e ninguém mais falava do *Correio da Manhã*. E ele dizia "A minha vida mudou completamente. Passei a minha vida toda ouvindo falar do *Correio da Manhã*. Só se comentou comigo, em termos de jornal, o *Correio da Manhã*, eu volto, só ouça falar do *Jornal do Brasil* e eu não suporto isso, eu não aguento isso". Ele foi de uma tal... o Paulo Bittencourt era... Paulo Bittencourt... não era um nome que você falasse "Paulo Bittencourt"... não era assim... "Paulo Bittencourt"! Aí eu fiquei... poxa, é uma tamanha demonstração de sinceridade, de franqueza, de honestidade intelectual, para não dizer até de humildade, que eu fiquei meio abalado com o negócio de ele querer que eu fosse para lá, para o *Correio*. Nós conversamos quatro meses, eu resisti quatro meses, aí um dia ele pôs as coisas de uma maneira tão, tão cruamente franca que eu fiquei muito, fiquei muito abalado. Eu disse a ele "Está bom, eu vou. Pode deixar que eu

vou”, e aí, fui para o *Correio da Manhã*. E evidentemente eu ia para lá para bater o *Correio da Manhã*... o *Jornal do Brasil*. E sorte, consegui, com muitos problemas... me ‘tascaram’ um IPM, sina, um Inquérito Policial Militar... IPM não, uma CPI, Comissão Parlamentar de Inquérito.

Por quê?

Porque o negócio era para enfraquecer o *Correio*, tentar me tirar do *Correio*, estavam tentando muito, porque o *Correio* tinha passado anos aderido à direita aqui no Rio, principalmente ao Carlos Lacerda. O tempo em que o Paulo Bittencourt ficou fora e depois da saída da Luiz Alberto Bahia, que brigou com o Lacerda, quando eles brigaram, o Bahia saiu do jornal e um sobrinho da Niomar Muniz Sodré que assumiu e era um lacerdista, se não, deixou de ser, curiosamente, pulou direto do lacerdismo para o brizolismo. Enfim, então houve toda uma imensa reação porque era um jornal importante que eles tinham, que o grupo lacerdista tinha, e deixava de ter. Porque evidentemente eu não fui para lá para fazer jornal lacerdista e foi então um cerco muito, muito, muito forte, um cerco muito forte e... Por que eu entrei nesse...?

Qual foi o motivo da CPI?

O motivo da CPI? Fui acusado de pressão sobre o Congresso.

Por conta de matérias? O quê?

Por conta do... foi com o *Correio da Manhã*, foi criado aqui no Rio um negócio que se chamava IBAD, Instituto Brasileiro de Ação Democrática, que era dinheiro americano, dinheiro da Embaixada Americana, direto, e conduzido por um agente da CIA (Central Intelligence Agency). E eu fiz a denúncia do IBAD e claro que o IBAD patrocinava toda a direita parlamentar brasileira, pagava as eleições, de cada um deles e dava benefícios imensos, pagava horas de televisão para Amaral Netto e companhia, então, para a direita e para os picaretas. E eu parti, em cima houve um deputado que apresentou um pedido de CPI na Câmara, Paulo de Tarso e, em jornal, fui eu quem entrou com... lá na Câmara o Zé Aparecido aderiu ao Paulo de Tarso, criaram, conseguiram criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito, mas eles não tinham imprensa e essa imprensa veio a ser dada pelo *Correio da Manhã*. E nós descobrimos coisas ótimas, deu-se ali um problema sério e eles resolveram encontrar um modo de me tirar do *Correio*. Eu tinha participado da... eu estava falando do jornal... do plebiscito que devolveu a presidência ao Jango.

Ao Jango?

É, eu fui o executivo, quem presidiu a campanha de plebiscito foi o José Luiz de Magalhães Lins, muito meu amigo, que me pediu para fazer a parte executiva. Era um motivo a mais que eles tinham para tentar me liquidar. Mas foi tudo bem na CPI, porque eu na hora de sair (risos) peguei uma pasta, a minha pasta, peguei o que havia assim em cima da minha mesa no *Correio da Manhã*, era papel de circulação, boletim de publicidade, botei tudo ali dentro, fechei a pasta, saí, fui depor na Câmara. Aí deixei fazerem as perguntas, o Amaral tinha dito que eu ia sair na televisão, na véspera, para pânico da minha mãe (risos), da televisão quase (risos), aí ele disse que ia me liquidar, que eu ia sair liquidado.

O Amaral Netto?

Da CPI. Aí ele foi para lá com uma turma de rapazes do judô, do karatê do filho dele, uns guarda-costas que ficavam atrás dele na Comissão e eu estava sentado lá, um tempão, pergunta daqui, pergunta dali e ele se reservou o último lugar no interrogatório. Aí, afinal, a palavra foi para o Amaral, aí eu [trecho incompreensível] "Presidente, um minuto, por favor. Preciso me preparar". Aí eu abria a minha pasta. A Comissão Parlamentar, a Comissão da Câmara eram curtas... o Amaral estava aqui, eu estava na outra ponta, embaixo da bancada dos dirigentes, então ele não via o que eu estava (barulho de folhear). Aí, eu peguei a pasta, tirei papel por papel, daí eu arrumava assim... demorei 'pra burro', aí de repente fechei a pasta, virei para ele e falei "Pode começar". Estavam todos, e ele, todos assim, para ver o que que era "O que esse cara tem?", porque o Amaral "Pô, o que que é?". Aí ele me fez duas ou três perguntinhas assim e eu disse "Pode perguntar, pode começar" (risos). A CPI parou, parou todo mundo, era CPI de pressão contra o Congresso, eu estava acusado de pressão contra o Congresso. Parou tudo (risos), os caras de cima da tribuna, da presidência, todos querendo ver o que eu tinha e eu dava sempre um jeito de passar a mão assim "Pode falar, pode perguntar, vamos lá", "Jornalista, quanto tempo...?". Fez três ou quatro perguntas assim, inteiramente idiotas, aí levantou, de repente levantou e saiu e a turma dele não sabia o que era aquilo, o cara de repente abandonou tudo, ele tinha ido para a televisão anunciar que ia me destruir. Falou "Amanhã eu destruo o Jânio de Freitas". Foi muito bom (risos), muito divertido, foi a coisa mais divertida do *Correio da Manhã*. E o jornal recuperou o primeiro lugar, bateu o *Jornal do Brasil*. O Dines até fez uma coisa engraçada, quando eles viram que o *Correio da Manhã* tinha batido o *Jornal do Brasil*, o Dines publicou na terceira página do *Jornal do Brasil* um quadrado - o *Jornal do Brasil* nunca tinha publicado IVC (Instituto Verificador de Circulação) - publicou um quadrado que punha o *Jornal do Brasil* em primeiro lugar, o *Jornal do Brasil* tinha acabado de ser batido. O Brito estava nos

Estados Unidos, Nascimento Brito que era o genro da Condessa e diretor-superintendente do jornal. Aí eu parti para contestação, para briga e pedi uma verificação em um e outro jornal, aí lá vem o Brito dos Estados Unidos. O *Correio* tinha batido solidamente, tranquilamente, em 45 dias o *Correio da Manhã* bateu o *Jornal do Brasil*. Aí deu (risos) um 'quiprocó' daqueles porque o Caio Domingues, que era um sujeito muito íntegro, dono da agência de publicidade Caio Domingues Publicidade, uma pessoa muito correta estava presidindo o IVC, o Instituto Verificador de Circulação, e ele atestou que os números que o *Jornal do Brasil* tinha publicado eram falsos e que o *Correio*, de fato, tinha batido, tinha pulado para o primeiro lugar. Aí já foi mais uma 'zorra' também, todo dia era (risos). Eu tinha comprado um Volkswagen há pouco tempo, cortaram todos os fios do meu carro de madrugada, arrombaram o prédio em que eu morava em Ipanema. Cortaram toda a fiação do carro, novinho, um fusca, um fusca pequeno, cortaram tudo. Foi um período muito, muito, muito brabo, muito brabo. Foi um período incrível. Se um dia eu tiver paciência, eu vou sentar e começar a escrever esse período porque tem episódios inacreditáveis, as coisas mais doidas do mundo. Uma vez (risos) tudo tão doido que depois, aí as loucuras começaram a acontecer lá dentro. Depois que o Paulo Bittencourt morreu, ficou uma briga terrível entre a Niomar Muniz Sodré, mulher dele, e a filha Sybil Bittencourt. Aí, um dia, o Jorge Serpa Filho, que era procurador do Paulo Bittencourt – Paulo Bittencourt já tinha morrido – estava aquela coisa de quem é que vai ficar com o jornal, as duas brigando terrivelmente. O Jorge Serpa me telefona e diz "Ô Jânio, olha, se chegar aí a notícia do roubo de um carro assim, assim – era um dodge, eu acho, americano – não pode ser publicado de jeito nenhum. Vê se você consegue segurar a Polícia" "Que história é essa?", ele falou "Não, rapaz, é uma maluquice completa. A Niomar mandou roubar o carro da Sybil" – a Sybil era filha do Paulo Bittencourt – "Você está maluco. Eu não tenho nada a ver com roubo de automóvel nenhum, não quero saber disso. Você está doido". Aí lá para as tantas, ele me informa que o carro tinha sido escondido, foi roubado a mando da Niomar e estava escondido na garagem da Niomar, "Pô, isso aí rapaz, olha... eu não quero saber dessa história, eu não tenha que ver de roubo de carro, não quero, não me meto nisso, não quero nem mais saber dessa história". Pura e simplesmente, a dada altura, alguém havia dito "Olha, tem um carro, um dodge eu acho, azul, assim, assim, assado, modelo tal, em tal lugar" "Não, não pode ser, está na garagem da gente" disse lá o filho da Niomar "Não, não pode ser, está na garagem". Está, não está, tinha roubado o carro errado, rapaz. "Pô, me meter agora em roubo de automóvel e ainda por cima errado, se pelo menos roubasse certo, até roubar...". Havia dois iguaizinhos no Rio, só dois, roubaram exatamente o carro errado.

Jânio, estamos falando sobre o *Correio da Manhã*, você sai do jornal em 1963 e dali até o fim do *Correio* tem um período de 11 anos, ele acaba em 74. Embora você já não estivesse mais lá, Jânio, como você avalia esse período da sua saída até o final do jornal em 74?

Eu não acompanhei muito o *Correio da Manhã*, eu trabalhei lá durante quatro meses. Eu fui fazer um levantamento de circulação no *Carreio da Manhã* e um plano de distribuição do jornal, uma coisa assim e tal. A essa altura, enfim, ia tudo muito mal, o jornal estava arrendado e estava muito mal e ao fim de três meses, mais ou menos, é, três meses, me convidaram para assumir o jornal, para, enfim, encontrar um caminho ali para o jornal e isso durou um mês, menos de um mês, eu acho. Porque, a dada altura, quiseram publicar um texto absolutamente sórdido, de interesse da ditadura do Médici (General Emílio Garrastazu Médici), e eu pura e simplesmente publiquei, mas com características diferentes do noticiário, certo de que isso não seria aceitável pela ditadura e claro que saí nesse dia. Para caracterizar que não era uma coisa feita pelo jornalista, *Correio da Manhã*, enfim, estava saindo do jornal, falei "Tudo bem, não sou eu que vou engolir essa não. Quem vai engolir são os outros, são os donos, ou lá quem seja" e saí. Isso já foi depois de eu ter passado pela *Última Hora*, estava em 67. Esse teria sido um período interessante se não fosse uma... um período politicamente, historicamente interessante se não fosse uma visão muito juvenil do movimento estudantil na época, que foi uma coisa muito importante, que foi um belíssimo movimento, mas quando veio a oportunidade de fazer uma coisa realmente, dar um passo adiante, não entenderam a situação e fincaram pé em uma hora em que era para ganhar, e aí perderam. Mas nessa fase, na fase preparatória desse incidente, eu estive na *Última Hora* e foi um período fértil porque o Costa e Silva (Marechal Artur da Costa e Silva) tirou a censura. A *Última Hora* ia acabar e o Samuel (Samuel Wainer), que estava isolado em Paris, me convidou para ir a Paris, eu fui conversar com ele, ele me cobrou assumir a *Última Hora*, tentar salvar o jornal. Então eu fui, aceitei, posso dizer com toda segurança que foi o único ano da *Última Hora* em que não entrou nenhum dinheiro que não fosse, nenhum tostão que não fosse rigorosamente proveniente de venda avulsa, publicidade. E o jornal mudou bastante assim e ganhou uma relevância grande, inclusive em termos de circulação, chegou a ser, existe documento, isso está documentado pela pesquisa da Marplan, que o jornal chegou a ser primeiro aqui no Rio. Mesmo na classe A, bateu também o *Jornal do Brasil*. Mas com essa expressão que o jornal assumiu, criaram-se as condições para o Samuel Wainer voltar ao Brasil, e a volta do Samuel Wainer implicou na minha saída imediata do jornal, uma semana depois. Nós não

tínhamos a menor possibilidade de conviver profissionalmente porque ele, no segundo encontro que nós tivemos ele meteu a mão no bolso assim, tirou um papelzinho, de um lado estava escrito, tinha assim "JF" e vários nomes e do outro tinha "SW", de Samuel Wainer, e vários nomes. Ele disse "Olha, você fala com esse aqui, você vai falar com esse e eu vou falar com esse. Nós vamos dar agora o grande salto do jornal, cada um aqui vai ter que entrar com 50 mil – ou 50 milhões, 50 mil, próximo disso, não me lembro mais qual era a moeda – eu vou falar com esse, você vai falar..." "Eu?" "Aham" "O primeiro ano na história da *Última Hora* em que ela vai dar lucro é esse, sem entrar um tostão que não seja de venda avulsa, publicidade, eu vou falar com alguém para pedir isso? Está doido! Não há hipótese. Não falo mesmo! Se você quiser, o jornal assim vai faturar como está faturando agora, publicidade e venda avulsa. Se não quiser...". Nós nem chegamos a discutir, não houve nem discussão. Falei "Ó, fica com a sua lista, apaga esse 'JF' de cima, bota o que você quiser". O correr do ano de 1967, eu estive lá.

Jânio, 1967 já é o governo Costa e Silva.

Sim, que foi um ano que a oposição não soube aproveitar. Foi uma pena, a oposição realmente não soube aproveitar isso.

Por que, Jânio?

Porque o Costa e Silva era PSD (Partido Social Democrata), que era o partido do Juscelino. Desde o primeiro momento em que ele assumiu, Costa e Silva adota um comportamento completamente contrário a tudo o que a 'linha dura' queria, tudo, tudo. Ele assume... o cara que ele leva para ser o Secretário de Imprensa dele tinha sido do *Jornal do Brasil* e que ele levou porque era uma pessoa com quem ele estava conversando política e não imprensa, era o Heráclito Sales, Heráclito Sales. Não, Heráclio! Heráclito é o Sobral Pinto. Heráclio Salles fazia uma coluna política no *Jornal do Brasil*, era um homem nitidamente de esquerda, reconhecidamente de esquerda, muito inteligente, muito culto. O segundo era, no mesmo setor, era o Carlos Chagas, que era do jornal em oposição aos da Ditadura, que era o *Estadão*, de oposição pelo menos à permanência da Ditadura. Cerca-se de várias pessoas que eram chamados da 'linha da abertura', extingue a censura à imprensa, suspende a censura à imprensa imediatamente. Não houve nenhuma intervenção, em jornal nenhum, pressão nenhuma durante o correr todo do ano de 67, até haver a bobagem dos rapazes aí do movimento estudantil irem lá para conversar com ele e se recusarem a pôr um paletó para não ir manga de camisa... Então foi uma oportunidade muito importante que se teve, naquela época. E 67, eu passei

esse ano, o primeiro ano todo do Costa e Silva na *Última Hora* e aproveitei razoavelmente.

A gente está falando então do regime militar, você já comentou um pouco a posição dos jornais, acabou de falar do *Estadão*, por exemplo. Mas eu queria te pedir para analisar um pouco mais a fundo esse papel dos jornais durante a ditadura militar. Passou para a história, por exemplo, que o *Correio da Manhã* e o *Última Hora* morreram asfixiados pelo regime militar. Mas talvez a realidade seja um pouco mais complexa do que isso. Qual é a sua avaliação, e talvez aí a gente tenha até dois momentos, antes e depois do AI-5 (Ato Institucional nº5). Mas qual é a sua avaliação sobre em que medida os jornais se colocaram contra o regime militar?

No Rio, os jornais não se colocaram contra o Regime Militar, colocaram-se todos a favor do Regime Militar. Inclusive o *Correio da Manhã*, que não tinha nenhuma razão para isso, também se colocou como peça da conspiração com os dois artigos, os famosos editoriais do "Basta" e de não sei o quê, que foram publicados na primeira página do jornal. Aquilo evidentemente, não foi ideia da Niomar Muniz Sodré nem de Edmundo Muniz, que era primo dela, editorialista do jornal, ou qualquer outro; aquilo foi uma coisa, um serviço que ela resolveu prestar com a inconsciência política que a Niomar tinha e com o excesso de pretensão. Nem o *Correio da Manhã*, então, escapou de um comprometimento que não deveria ser esquecido nunca, por todos aqueles que em qualquer momento pensem ou falem da imprensa brasileira. A imprensa importante naquela altura do campeonato ainda era a imprensa do Rio de Janeiro, as outras eram imprensas subsidiárias, se bem que fortes economicamente, era o caso do *Estadão*, que era uma potência econômica gigantesca, a *Folha* ainda não era um jornal importante. Havia uma multidão de jornais em São Paulo e no Rio, imensa, mas todos se comprometeram imensamente com o que pode haver de pior em termos de regime político e em termos, sobretudo em termos de imprensa, em concepção de imprensa e de falta de concepção de imprensa, um utilitarismo muito ordinário, muito baixo. O *Jornal do Brasil* foi a peça mais importante nisso, nesse papel repugnante da imprensa brasileira, mas eu não vejo que jornal se possa isentar desse quadro. A minha impressão é de que os jornalistas também foram muito beneficiados, porque vários deles tiveram papel muito relevante nessa posição que a imprensa brasileira, e na conduta que a imprensa brasileira teve durante esses anos. Destaco, em particular, os casos do *Jornal do Brasil*, do Alberto Dines... lamento que em termos pessoais eu não tenho nada contra ele, mas historicamente, essa irresponsabilidade é fundamentalmente dele. Enfim, alguns outros que facilmente se identificariam. Mas

o *Jornal do Brasil* era o jornal de grande importância na época e teve esse papel lamentável. Você queria que eu falasse exatamente o quê?

Isso, que você está chamando de um papel lamentável, está sendo determinado por o quê? Quer dizer, esses jornais, eles estão aderindo a que ali? São questões econômicas puramente, são questões ideológicas? O que está em jogo ali para determinar a forma como essas empresas estão atuando, naquele momento?

O problema vital do jornalismo é que ele precisa conviver com a sua finalidade essencial, que é voltar-se para necessidades do seu público e se possível de um público ainda maior do que o seu próprio, e com as finalidades que têm os detentores das suas empresas. Frequentemente, são finalidades contrárias até ao jornalismo, alguns têm finalidades que convivem com o jornalismo, outros têm finalidades que confrontam o jornalismo, que se chocam diretamente com ele, que tentam extinguir o jornalismo sem mostrar que estão fazendo isso, ou pretendendo não mostrar, supondo que isso é possível. Foi esse exatamente o quadro que se teve em 64, e foi esse exatamente o quadro que se teve no decorrer da Ditadura. Até que alguns jornais comesçassem a se dar conta, alguns por concepção política e outros por mero interesse material de que a Ditadura deixava de ser exatamente aquilo que eles queriam, embora não por ser Ditadura, mas pelas formas que assumiu, pela maneira como o poder procurava continuar sendo o poder. E o jornalismo entra nisso como um elemento, como uma ferramenta. Mas o jornalismo não é feito pelos donos de jornal, dono de jornal, você não vê um dono de jornal sentado na redação, é jornalista profissional que está sentado lá e fazendo isso. O que há a criticar, no caso então, muito mais do que os donos de jornal que são homens de negócio, que veem os seus jornais como negócio, são os próprios jornalistas. Eles são o instrumento dos quais se valem os piores fins quando esses fins são buscados. Você está me levando para um trampolim perigoso, eu não estou querendo entrar...

Mas quando você fala da atitude lamentável do *JB*, há episódios que expressam essa atitude. Quais são eles?

(Risos). São muitos, são muitos. Por exemplo, as pessoas que pegaram – vou citar um caso – as pessoas que pegaram em armas, assim como o poder ditatorial pegou em armas antes de qualquer outro, os jovens que pegaram em armas passaram a ser chamados no Brasil de terroristas, sem o serem, nenhum deles foi terrorista. Podiam ser chamados de guerrilheiros, combatentes, comunistas, revolucionários, o que você quisesse, terroristas não porque nenhum praticou terror. Não há um caso

de terror, que é uma categoria de luta perfeitamente definida, conhecida, sabida. Isso foi uma invenção do Alberto Dines, do *Jornal do Brasil*, que a partir de um dado dia impôs-se à resistência do José Silveira, que não queria, não concordava com isso, era o secretário do jornal, e ele acabou se impondo na base "Não me sacaneia, porra! É para ser assim!". Silveira está aí pode comprovar isso a você, está vivo felizmente, é um esplêndido jornalista, um grande caráter. Então, sabe esse tipo de... fica esse exemplo aí.

E qual foi o papel desempenhado pelas entidades ligadas ao jornalismo nesse período?

No caso da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), eu acho que até quando a ABI esteve entregue a uma pessoa ligada ao regime, aos militares em particular, que foi o Adonias Filho, a ABI cumpriu de maneira bastante respeitável o seu papel, bastante respeitável. Não poderia fazer muito mais do que fez, se é que poderia fazer mais do que fez. Eu não critico a ABI, de maneira nenhuma, pela conduta que ela teve no decorrer da Ditadura. E o sindicato estava extremamente manietado, qualquer coisa, qualquer passo ali fora do aceitável, do tolerável, era intervenção do sindicato, coisas desse gênero. Como, aliás, fizeram imediatamente após, e até por iniciativa própria, após o golpe, o Carlos Lemos e o Alberto Dines, foram fazer intervenção na Federação e no Sindicato dos Jornalistas. Então, o sindicato eu acho que ficou muito manietado, como os sindicatos em geral, aconteceu mais o menos a mesma coisa, com diferença de grau, mas a natureza da reação do sindicalismo foi a mesma. E a ABI acho que fez, no mínimo, no mínimo, se pode dizer que a ABI não fez um papel indecente em momento nenhum. Sim, em uma ou outra ocasião poderia ter sido mais enérgica, mas não fez papel vergonhoso não.

Sobre o momento da distensão política do governo Geisel, fala-se muito também do papel estratégico que a imprensa teria tido no projeto de distensão do presidente e do Golbery (Golbery do Couto e Silva). Então, tirar a censura do jornal *O Estado de São Paulo* em 1975, por exemplo, faria parte dessa estratégia, da importância que na visão do próprio projeto de distensão teria uma certa liberação da imprensa. Na sua opinião, o que efetivamente se passou nessa relação entre imprensa e governo no processo da abertura política?

Olha, eu acho que não se passou, passou-se um composto de forças, de influências que a gente, ou eu pelo menos, teria muita dificuldade de caracterizar como uma unidade, acho que não há unidade nisso. A própria imprensa tinha uma atitude imensamente dúbia, quando você pega jornais como *Jornal do Brasil*, como o

Estado de São Paulo, se de uma parte estavam, a gente poderia dizer que já não estavam com a Ditadura, de outra isso não é verdade. Você também pode dizer que eles queriam correções na Ditadura, abrandamentos no Regime Militar ou algumas coisas que extinguissem a possibilidade de uso da palavra 'ditadura', como eles, aliás, passaram a fazer, já sequer insinuavam que era Ditadura, no máximo era o Regime Militar, como, aliás, fazem até hoje. E era de fato a dubiedade em exercício pleno. Não houve um esforço real da imprensa para o retorno ao regime eleitoral considerável como democrático, da parte da imprensa, como conjunto, isso não aconteceu. Basta ver o seguinte: quando vem a Campanha das Diretas, a *Folha* ficou sozinha, a *Folha* saiu sozinha e ficou sozinha por um bom tempo, por um bom tempo. Foi uma atitude em que o jornal jogou muito, gastou muito e não teve a solidariedade de ninguém, de televisão então, nem pensar. Isso demorou, não foi imediato não. Depois, as glórias foram divididas por todos, todos se tornaram democratas. Mas isso é um pouco... se a gente examinar um pouco a história da imprensa brasileira, é mais ou menos isso mesmo, depois que o Getúlio caiu, toda ela tinha sido contra a Ditadura. Mas o único jornal que, os únicos donos de jornal que foram afastados foram os Mesquitas do *Estado de São Paulo* e assim mesmo por um questiúnculo, não por... Então, é difícil sintetizar em uma só razão, enfim, em um só encaminhamento do tema, eu acho que há aí uma configuração muito múltipla, muitas faces e muitas razões e muitas responsabilidades. As responsabilidades são muitas e não dependem tanto da diferença das causas, o efeito dessas causas diferentes é mais ou menos o mesmo, é uma grande responsabilidade pelo que aconteceu com o Brasil.

Você entrou na *Folha* em 1980 e desde 1974 a *Folha* já vinha em um processo de renovação do jornal com Cláudio Abramo. Em 1980, qual era a expressão da *Folha de São Paulo* no jornalismo brasileiro?

Perguntinha, nhein?! Olha, era um... Você diz na época exatamente quando eu entrei?

Exatamente.

Olha, era um jornal se esforçando muito para, de maneira um tanto... talvez um tanto atabalhoada assim, mas se esforçando muito para abrir um caminho, se não, talvez pensando já em liderança, mas pelo menos, pensando em ser uma coisa, em ser um jornal importante, em ser um jornal expressivo. Com uma vantagem muito grande, nenhum dos dois donos do jornal, mais ou menos recentes donos, nenhum dos dois tinha tido jamais nenhuma ligação com imprensa. Isso foi um grande benefício para eles e para a *Folha*. Eles não tinham os vícios dos 'Mesquitas', dos

'Britos', dos 'Condessas' e dos 'Condes', e de não sei quem mais, dos 'Lacerdas', não tinham esses vícios. Eles nem conheciam direito as pessoas no mundo de imprensa, direito não, simplesmente não conheciam as pessoas no mundo de imprensa, nem os profissionais, nem os donos, ninguém; era um mundo inteiramente novo para eles. Então, entraram nesse mundo sem trazer vícios de algum outro mundo que sequer se relacionasse com esse, era uma coisa inteiramente nova para eles. Isso foi um benefício para o mundo das empresas de jornal e foi um benefício para eles, eles tiveram a liberdade pessoal, eles se deram, puderam se dar a liberdade por falta de precedentes que os amarrassem, eles puderam se dar a liberdade de escolher as pessoas que eles quisessem. Por exemplo, quando Cláudio Abramo, deixava de ser admissível a presença de um sujeito com a cabeça do Cláudio Abramo, não deixava de ser admissível no *Estadão*, para eles não havia nenhuma razão para não admitir o Cláudio Abramo, e para não se valer das qualidades pessoais e profissionais do Cláudio Abramo. E assim com vários outros, erraram em alguns, acertaram em outros. Eles desfrutaram da liberdade que eles próprios tinham, que eles traziam, a despeito de grande parte disso acontecer durante restrições do Regime Militar. Mas eles não entravam, eles não figuravam ali como serviçais do regime, que era o caso do *Jornal do Brasil*, do *Correio da Manhã* – com a Niomar ou sem a Niomar, era a mesma coisa – enfim, por aí afora, *O Estadão*. *O Estadão* se insatisfazia porque, *O Estadão* não precisava de censura, com a linha do *Estadão* não havia censura, mas iam fazer censura e isso irritava os 'Mesquitas'. Pô, quer mais a direita do que *O Estadão*? Só se o redator tivesse que usar uniforme, não precisava. Enfim, está respondido.

Você pode falar um pouco sobre a importância do Cláudio Abramo, não apenas para a *Folha de São Paulo*, mas para o jornalismo brasileiro?

Olha, o Cláudio foi, com toda certeza, o jornalista com quem eu me dei muito bem muito antes de pensar em *Folha de São Paulo*, ele era do *Estadão*, nesse tempo. O Cláudio foi um... mais do que um jornalista de destaque em São Paulo, o Cláudio foi um indutor de crítica ao jornalismo de São Paulo, que era muito ruim. E sem crítica você não dá nenhum passo adiante, a preliminar de um passo adiante é uma visão crítica. E o Cláudio foi um indutor de muita crítica, ficou muito antipatizado, em parte pela própria crítica, em parte pela maneira como a praticava e deixou uma escola em São Paulo de concepção de imprensa paulista e, enfim, de ideias de liberdade de jornalistas, desse comprometimento de jornalista. Cláudio Abramo é outro que nunca se pendurou em emprego público, viveu de jornal também, só. Em São Paulo, o pessoal sempre teve um padrão salarial maior do que no Rio o que

permitiu muito antes que acontecesse no Rio que lá nem todos recorressem a emprego público, coisas desse gênero. Mas nem por isso, o emprego público era uma anomalia no jornalismo de São Paulo. O Jockey Club de São Paulo era um tradicional pagador de jornalista. Aqui no Rio havia os filiados também, mas em São Paulo era uma praxe, era uma coisa muito comum para citar só o Jockey Club, podia citar uma porção de outras coisas, lá e cá.

Há mais de 25 anos você é colunista da *Folha de São Paulo*. Quais são as dificuldades de manter essa coluna há tanto tempo no maior jornal no país?

Dificuldades em que sentido? São muitas (risos).

Por exemplo, relação com a fonte. No caso do colunista, ela difere de algum modo da relação que o repórter estabelece com a fonte?

No meu caso sim. Coluna normalmente, sobretudo em São Paulo e na *Folha*, era assunto de opinião, era área de opinião, ainda que eventualmente houvesse uma ou outra preocupação informativa, a razão de ser era opinativa, e eu dei exatamente o rumo informativo. Eu fui para São Paulo, na cidade e no estado, em que o Jânio Quadros deixou tamanhas manchas nesse nome; eu fui para lá chamado Jânio, sem ninguém me conhecer, como jornalista e pouco como pessoa, e com a evidente, por mais que tentassem não evidenciar isso, mas como evidente preocupação, resistência de boa parte dos que seriam meus companheiros de jornalismo lá, por causa dos lugares que eu ocupei aqui no Rio. A presunção imediata é de que eu tentaria ou estaria sendo visto como um candidato a direções lá em São Paulo, ou estaria eu de olho em direções. Evidentemente, isso não podia se passar na minha cabeça nunca porque eu sou do Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro eu não me arredaria para fazer jornalismo em lugar nenhum, acho que o jornalismo não vale isso. Então, já por aí, eu precisava abrir um caminho. A maneira de abrir um caminho era fazer um tipo de coluna que ninguém fizesse. E eu então passei a fazer um tipo de coluna que procurasse a cada dia dar informações importantes, ou tão importantes quanto eu pudesse alcançar, sem nenhum tipo de conexão, de ligação política, ideológica, intelectual ou o que fosse, com quem quer que fosse ou com nenhum organismo, entidade ou coisas do gênero, e mostrar isso com muita clareza. E com um tipo de informação, basicamente uma coluna de informação que não estivesse presente mais nos jornais que foram restringindo muito o seu campo de visão, de informativa, foram se restringindo muito. Isso me deu uma trabalhadeira brutal, inclusive porque eu trabalho sozinho, até hoje trabalho sozinho, e acho que foi a razão pela qual a

coluna se caracterizou, ganhou uma característica, uma personalidade e encontrou um lugar no público paulista, e depois se estendeu um pouco por uma porção de razões, entre as quais pelo fato de estar também na *Folha*, que é um bom navio para você habitar. Mas... o que você estava querendo saber exatamente, com mais clareza?

Eu havia perguntado sobre a relação da fonte no caso do colunista, mas a pergunta foi respondida. Agora, em 1987 há um caso famoso, que é a fraude na concorrência na Ferrovia Norte-Sul. Conta para a gente o que foi esse caso.

Esse caso... bom, a Norte-Sul vinha sendo muito discutida, enfim... mas... esse assunto é difícil de falar! Eu mesmo havia escrito um artigo a respeito da Norte-Sul, que era uma dinheirama gigantesca, 2 bilhões e 400 milhões de dólares, aquela primeira etapa. E eu comecei a escavar esse assunto e tal, e acabei tendo a antecipação, com dez dias, do que seria o resultado da falsa concorrência, e ficou o problema de o que fazer com aquele negócio, porque se eu publico, é muito fácil dizerem "É mentira", porque ainda não houve, ainda está sendo montado. Se depois, para eu dizer depois "Olha, eu sabia", depois todo mundo sabe, não ia ser eu. Então criou-se um problema "Como é que eu vou resolver esse 'troço'?" daí veio a idéia de um anúncio, no meio dos pequenos anúncios da *Folha*, "Lotes" e aí eu joguei com as siglas das empresas que iam ganhar e os números dos lotes, porque eram 18 lotes. Já estava tudo armado, a estrada tinha sido dividida em 18 lotes, cada um para uma empreiteira. Publiquei isso no meio dos classificados, ninguém imaginou o que fosse, inclusive porque em cima estava escrito só lotes, aí podia ser daqueles tais sorteios de Previdência, de empresa de previdência de não sei o que, podia ser loteamento, podia ser mil coisas. E esperei o resultado, vai sair. E no dia em que saiu, publiquei o resultado com a foto daquela página, na primeira página a foto. Mas engraçado, duas coisas engraçadas: todos os resultados eram exatamente certos, por exemplo, 3/AG, Andrade Gutierrez, bateu certo. Todos os lotes, os 18, estavam com as suas siglas das empreiteiras todas. Mais duas coisas curiosas: a primeira, não foi manchete na *Folha*; foi uma notícia destacada, mas não foi manchete, e assim nem mesmo a manchete [trecho incompreensível], título e texto muito cautelosos, não confiaram muito no meu 'taco'. Mas eu já tinha avisado ao Frias (Octavio Frias de Oliveira) que eu estava com o resultado. Frias sabia que aquele anúncio que tinha sido publicado, sabia direitinho. E outra coisa engraçada é que eu mesmo não me dei conta, não sabia, porque esse negócio de você fazer uma coluna diária – eu fazia seis por semana, seis dias na semana, só não publicava na segunda, domingo era o dia em que eu

descansava – no dia seguinte eu já não sei mais o que escrevia na véspera, nem me interessava mais. Então quando sai aquele negócio, que eu fui almoçar com um amigo, e nem ao menos tocamos no assunto. De manhã, umas sete horas da manhã, me telefonou de Brasília uma pessoa e me disse, com quem eu aliás não tinha jamais conversado, vou dizer até quem era no telefone, foi o Delfim Neto, eram sete horas da manhã. Ele me telefonou e disse assim “Jânio, é Delfim Neto”, eu disse “Ah, como vai deputado, como está?”, sete horas da manhã, falei “O que é isso?”. Aí ele disse “Está um vendaval aqui em Brasília” “Um vendaval em Brasília? O que está acontecendo? O que houve?”, mas nem de longe passou pela minha cabeça que pudesse aquele ‘troço’. Ele disse “Não”, falei “Mas o quê? Chuva, vento, como é que é?” “Não, o negócio que você hoje” “Ah, é. Já essa hora já está...?” “Já. Pô, rapaz, isso aqui está troca de telefone aqui, todo mundo está acordando o outro. Está uma loucura isso aqui”. Falei “Ah, deputado, muito obrigado, eu não sabia”. Esqueci, fui almoçar com um amigo meu, lá para as tantas ele me disse “Vai ter repercussão”, no fim do almoço ele disse “Vai ter repercussão esse negócio que você publicou hoje”, eu falei “Você acha? Será que vai ter? O Delfim até me telefonou de manhã, ligou para a minha casa, não sei nem com quem ele arranhou o meu telefone, mas, enfim, ele ligou” “Ah, é?” “Ligou, disse que está um vendaval lá. Pensei que fosse um vendável mesmo”. E só quando eu cheguei ao jornal foi que eu percebi o que estava acontecendo, porque eu, na verdade, já estava pensando no que eu ia escrever naquele dia, já estava era trabalhando em outro assunto, direto. E realmente foi um vendaval, aí foi uma loucura, um escândalo. Mas não foi manchete. Teve umas vantagens, ganhei alguns prêmios, foi bom. E outra, que eu achei talvez mais, eu acho que foi mais problemática, foi a da doença do Figueiredo (General João Batista de Oliveira Figueiredo), também não foi manchete. Esse, minha mãe quase morreu do coração, por causa desse ‘troço’. Ela sentou na cadeirinha de balanço dela para ver o jornal das oito da Globo, ao qual se seguia a novela que ela via, ela e meu padrasto, sentada lá, aí de repente, entra, começa o Jornal da Globo e aí entra o chefe da Casa Militar do Figueiredo, diz assim “Jornalista Jânio de Freitas é um terrorista!” (risos). Minha mãe (risos) “Corre, traz um álcool canforado”. Ela não estava sabendo de nada, não tinha nem visto o jornal porque não deixaram ela ver a *Folha*. Foi uma coisa de uma brutalidade, um negócio infernal. Bom aí foi um inferno, mas... porque era um negócio de ele ter que ou operar o coração ou ir, e aí desmentiram, a *Folha* me desmentiu com grande com grande alegria (risos), muitas pessoas satisfeitas. Os jornais todos me... Mas uma semana depois, estava na redação, trabalhando, aí o Boris Casoy me telefonou e disse “Hoje é o seu dia. Olha, amanhã, já combinamos aqui, o Frias mandou botar o seu artigo na primeira página, seu artigo de amanhã na primeira

página”, foi no dia que o Figueiredo mandou levar ao Congresso um pedido de licença para se ausentar do governo e do país. Aí eu ouvi e disse “Eu, na primeira página?” “É”, falei “Não, não vou não” “Não, pô, amanhã é o teu dia”, eu falei “Não é não, você está enganado. Amanhã é o dia de vocês. Vocês que me desmentiram, me espinafaram. Amanhã é o dia de vocês, não é o meu não. Não quero nem saber, não quero nada de primeira página comigo não. Pode fazer a sua aí”. Deu a maior confusão, mas eu... Aí, quando Figueiredo foi operado, chegou aos Estados Unidos, os caras examinaram “Pô, é para já”, foi direto para [trecho incompreensível], aí eu peguei uma frase de cada um dos que mais me atacaram e botei tal, tal, tal, tal, tal, *Jornal do Brasil*, dia tal, assim, assim, assim, tal, fulano de tal, jornal tal, *O Globo*, tal, uma frasezinha de cada um, com o nome dele, do jornal e a data em que tinha escrito. Aí, no final, eu botei ‘Ao General Figueiredo, pronta recuperação. Aos outros, também’ (risos).

Jânio, os jornalistas têm consciência de que eles participam da história?

Não sei. Tenho a impressão de que a maioria não tem a consciência, tem a pretensão de que participa da história. Mas, no mínimo, eu teria muita dúvida de que participa da história, um ou outro aí pontualmente, pode ter, em dado momento, participado da história em alguma medida, geralmente pequena.

Mas o jornalismo participa?

O jornalismo sim. Em geral para piorá-la.

Então, qual seria a função do bom jornalismo?

A função do bom jornalismo é retratar com tanta independência, quanto seja possível, a realidade naquilo que ela tem de essencial para o exercício consciente da cidadania, e se possível, contribuir com a crítica e com o estímulo para que as coisas não continuem sendo tão ruins, tão injustas, tão impiedosas quanto são nesse mundo tão cheio de guerras e de pobreza e de miséria e de doença. O mau uso dessa imensa riqueza do mundo. É assim que eu vejo, não sei se está certo, parece que não.

Jânio, eu queria lhe fazer uma última pergunta.

Quantas quiser.

Qual a sua opinião sobre uma iniciativa como essa, de se resgatar a memória do jornalismo brasileiro?

Eu acho que é importante que vocês recolham, imagino que outras pessoas tenham, como eu aqui, guardado muito coisa que deveria ser do conhecimento público e deveria constar de um projeto como esse, de um trabalho como esse, eu acho que por uma porção de razões. Aparentemente não é ainda a ocasião de chegar a isso. Dou parabéns a vocês, acho muito bom. E olha, isso que vocês estão fazendo vocês podem certamente, e dão, o nome de história oral, de coisas desse tipo, é jornalismo. E do bom. A parte ruim fica por conta dos que são ouvidos. Uns por mentirem, outros por guardarem e outros por não terem muito o que dizer. Mas o papel de vocês é muito bom e vocês perguntaram muito bem.